

FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA: olhares da Psicologia do Esporte

Afonso Antonio Machado ¹
Marcos Alencar Abaide Balbinotti ²

RESUMO: Analisa a formação e a forma de intervenção a que se condicionou o profissional da Educação Física. Os recursos da Psicologia do Esporte e sua aplicação garantem um olhar humanista e uma aplicação adequada da técnica pedagógica. A natureza da psicologia do esporte no futuro será determinada pela pesquisa, escritos e aplicações práticas daqueles que agora trabalham na área, pois eles estarão estabelecendo o campo de conhecimento, a sua aplicação prática e orientação filosófica. Qual é, então, o futuro para a psicologia do esporte? O que os psicólogos do esporte estarão fazendo daqui a 10 ou 20 anos a partir de agora? Este é o problema.

PROFESSIONAL TRAINING AND INTERVENTION OF PHYSICAL EDUCATION'S PROFESSIONAL: looks of Sport Psychology

ABSTRACT: Do an analysis of intervention to which conditioned the professional Physical Education's professional. The resources of Sport Psychology and its application to ensure a humanist gaze and an appropriate application of pedagogical technique. The nature of sport psychology in the future will be determined by the research, writing and applied practices of those now engaged in sport psychology; they will be establishing the field of knowledge, its applied practices and philosophical orientation. This direction is surely the one major development in sport psychology that is exciting and attractive to everyone. What, then, is the future for sport psychology? What will sport psychologists be doing 10 or 20 years from now? It is the problem.

Introdução

A criação da Sociedade Internacional de Psicologia do Esporte, em Roma, 1965, é um fato que nos leva a entender que esta área de conhecimento é recente em todo o mundo. Tal situação pode explicar, possivelmente, a pouca existência de estudos que analisem seu nascimento e seu desenvolvimento, no mundo e no Brasil. Todo seu curto e intenso desenvolvimento vem ligado aos compromissos com interfaces do mundo esportivo, possibilitando sua locação em territórios da Educação Física, do Esporte, da Psicologia e das

¹ Afonso Antonio Machado é professor na UNESP/ Rio Claro, onde ministra aulas na graduação e pós-graduação. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

² Marcos Alencar Abaide Balbinotti é professor da Université de Montreal- Trois Rivières, onde ministra aulas na graduação e pós-graduação do curso de Psicologia.

Humanidades. Muito da produção científica atual vem norteadas pelos olhares das Ciências do Esporte, com paradigmas delineados e amplamente conhecidos no mundo do esporte, mas já de domínio de outras áreas que se interessam ou buscam a interface.

Até a década de 70 a Psicologia do Esporte foi muito pouco estudada; estudos de Lawther datados de 1951 são exemplos americanos de produções que posteriormente receberiam considerações e reconhecimentos internacionais. Com o início da circulação de boletins, jornais, revistas e livros específicos, além da fundação de sociedades de pesquisadores da Psicologia do Esporte, percebemos uma consolidação desta especialidade em vários países e sua erradicação em vários cantos do mundo esportivo, ainda que lentamente.

O fato da Psicologia do Esporte ter uma evolução mais lenta que outras especialidades psicológicas ou das ciências do esporte, provavelmente é devido à questão de ter sido iniciado em laboratórios de Fisiologia ou de Educação Física, mantendo certo distanciamento dos avanços da própria Psicologia, ou da própria Fisiologia (BAYONA, 2007). Outra interpretação pode ser o fato de não ter explorado adequadamente os caminhos da interdisciplinaridade, como convém a uma especialidade que deve tratar de elementos da Psicologia e da Ciência do Esporte, com igual compromisso.

Mais do que isso, a briga territorial para saber de quem é essa fatia de trabalho, na sociedade mercantilista-profissional, tem criado fendas abissais que apenas emperram o avanço da área que nasceu interdisciplinar e tentam transformá-la em intradisciplinar, focando apenas um interesse classista. Este descuido no campo de atuação tem ampliado a desconexão entre a necessidade do esporte e do movimento humano e a orientação a ser oferecida pelo preparador psicológico, gerando muito atrito profissional, pouca ética e desvalorizando o ambiente de trabalho, ainda nem tão bem estruturado.

Talvez, em função deste quadro, próprio das novas áreas profissionais emergentes, são poucos os profissionais que atuam neste campo, mesmo sabendo das variabilidades existentes no mundo esportivo, que contempla as iniciações esportivas em clubes e escolas, as aulas de danças e ginásticas em academias, os movimentos de recreação e lazer (em grande crescimento junto às atividades físicas de aventura na natureza). Nossas pesquisas têm sugerido que tal ocorrência se dá em função dos limites impostos pelos cursos de graduação, nas áreas afins (MACHADO, 2003).

Ao entendermos que a Psicologia do Esporte tem entrada em todo e qualquer local em que se trabalha o movimento humano, da aula de Educação Física ao treinamento esportivo,

da dança ao desfile de modas, do teatro ao desempenho de um grupo praticante de arborismo, indicamos que são muitas as áreas que poderiam se beneficiar com suas aplicações, mas continuamos a acreditar que existe um total desconhecimento sobre o papel a ser exercido por este profissional.

Como tudo na área é novo, no Brasil o campo de atuação é bastante limitado, tendo em vista a pouca informação que se tem sobre a própria Psicologia do Esporte. Apesar de aumentar cada vez mais o grau de exigência humana em embates esportivos e na busca de recordes e limites esportivos, nem por isso o trabalho interdisciplinar das equipes que cuidam destas conquistas contam com um psicólogo do esporte.

Trabalhar com realizações, decepções, minimizar efeitos negativos das torcidas, ressaltar aspectos positivos de uma liderança, delimitar os papéis dos elementos dos grupos para seus dirigentes, simplificar as cobranças dos pais, fãs e familiares dos atletas são atribuições que, aos poucos vêm sendo assumidas pelo psicólogo do esporte, de uma forma assumida pela Psicologia diante de um público específico em uma situação específica: o atleta ou o espectador e o momento esportivo.

O profissional da Educação Física Escolar e sua formação

Transformar a Educação Física em um dos instrumentos de mudança e bem-estar social exige, além de outras coisas, a reorganização desta disciplina e a redefinição de seus conteúdos e metodologias. Numa sociedade urbana como a nossa, a almejada democratização social passa necessariamente pela instrumentalização, que cabe à escola fornecer, e a própria comunidade subsidiar.

Tal instrumentalização, viabilizada pela assimilação de movimentos novos e de conhecimentos básicos, é algo que deve permitir aos cidadãos conhecer seus direitos e deveres, ter bem presentes e bem claros seus interesses, de modo a serem capazes de organizar-se para mantê-los e defendê-los, objetivando acima de tudo ter acesso às decisões que os afetam individual e coletivamente.

Os fatos demonstram, não obstante, que nossa escola vem transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico (GARCÍA FERRANDO, 2008).

Como elemento social ela deve cumprir as funções de transmitir conhecimentos, de socializar as conquistas culturais, de divulgar e debater novos valores e crenças, processos esses que mediatizam a intervenção na realidade social, bem como propor manutenção e/ou melhora de saúde e conhecimento da prática motora.

O professor, profissional do ensino, tem um papel relevante – como mediador – na apropriação do saber pelos alunos das variadas camadas populacionais. Para desempenhar bem esse papel, ele precisa compreender os vínculos de sua prática com a prática social global. Necessita, igualmente dominar os conhecimentos específicos a transmitir, de forma a referi-lo ao contexto global, sempre, problematizando-os com os alunos, só assim os conhecimentos assimilados serão instrumentos para os alunos alterarem sua prática social, ininterruptamente.

Em sua passagem pela escola, na condição de aluno, a maior parte dos professores de Educação Física incorporou à sua vivência certa apatia intelectual, uma imagem do professor autoritário, ou ainda, indiferente e omissa, além da noção de que a avaliação do aluno ocorre por meio da devolução, pura e simples, de conteúdos memorizados ou de perfeita execução técnica.

Voltando como docente, notamos que o trabalho ainda não está organizado de forma a desenvolver, nos alunos, condições para serem futuros professores: organização para estudo, independência, criatividade, espírito crítico, consciência política de seu papel como cidadãos na construção da história (NAHAS, s.d.). Ainda, não lhes tem transmitido conhecimentos mais aprofundados e adequados que possam servir-lhes de referenciais para ensinar. Notemos: um não deu e ou não procurou.

Da posse de uma formação distorcida, fragmentada, superficial e com uma visão idealizada do aluno, o professor de Educação Física enfrenta precariamente o desafio de obter sucesso no trabalho docente com uma maioria de crianças que não corresponde à “idéia do aluno”, que por tanto tempo lhe foi inculcada. Dentro desse quadro, ele precisa lutar diariamente contra aquilo que percebe como “incapacidade” de alunos “mal dotados” que a escola recebe. Frequentemente, ele não tem consciência nítida de seu despreparo para exercer uma atuação em relação a esses alunos que são diferentes do que idealizam. E assim, segundo SEURIN (1983) tende a reproduzir as deficiências de sua própria formação.

Em um nível de exercício da profissão, devemos reconhecer que nossas escolas de ensino fundamental e médio não têm, ainda, oferecido totais condições adequadas para o

aperfeiçoamento do profissional do ensino, capazes de levá-lo à reconstrução crítica de sua prática docente (GARCÍA FERRANDO, 2008).

A própria organização do trabalho interno da escola não viabiliza momentos de encontro entre docentes que possibilitariam uma revisão crítica de sua prática, com a finalidade de reconstruí-la, de localizar os aspectos em que sintam necessidade de atualizar-se e, juntos, buscarem conhecimentos e assessoria específica dos níveis superiores, com visitas a construir-se uns saberes pedagógicos autênticos, que responda aos desafios que a sociedade hoje lança à escola que aí está, uma vez que os encontros propostos apenas servem para pincelar o real e não para estudá-lo e alterá-lo.

A organização escolar e educacional vem de períodos tumultuados e de inovismos tecnológicos que não atingem o dorso central do problema, que é a definição de sua conduta (LIMA, 1988). Com isso formam-se muitos para pouco; a sociedade não consegue absorver tantos elementos diplomados com tão pouco conhecimento, e isto reflete, de imediato, em nossas escolas de primeiro e segundo graus.

Então, em consequência do processo escolar que é oferecido, as crianças saem precocemente da escola etiquetadas, estigmatizadas como incapazes, carentes e, por isso mesmo, destinadas a uma situação inferior, em termos sociais. E infelizmente, a Educação Física competitiva tem muita colaboração nisto, de acordo com a forma como foi trabalhada.

Uma vez admitida que a prioritária do professor hoje, no sistema escolar, é ensinar a estas camadas os conteúdos e habilidades escolares que levam ao domínio da cultura que tem valor socialmente, cabe em seguida um grande esforço em nível pedagógico de (re)habilitar-se profissionalmente de forma a cumprir competentemente o seu papel técnico-político.

E, duas preocupações parecem-nos fundamentais neste sentido, em nossa área de atuação: 1 – o domínio seguro dos conteúdos e técnicas pedagógicas e de movimentos que deverão transmitir a seus alunos; 2 – com base em uma crítica profunda das didáticas e metodologias que normalmente fazem parte pedagógica que vêm desenvolvendo, assim como das teorias que as embasaram, tentar reconstruir o fundamento técnico- pedagógico da prática do conhecimento, manifestação e controle corporal, valorizando as formas básicas de jogos e orientando as competições para algo a mais que o ganhar ou perder.

Somente assim, acreditamos, será possível perceber e ressaltar que existe diferenças entre o jogo e a competição. O jogo pode e deve estar presente na fase de iniciação, enquanto que a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Tanto na sua formação pessoal, como ser humano, pode ser deseducativo, como

também na sua formação atlética; pois a competição escolar também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível.

Adequação e realidade como procedimentos

O jogo-festa poderá ser uma nova característica do jogo, devendo estar presente em seu conteúdo alegria, encontro, prazer de jogar. Através destas características, a criança poderá expressar-se melhor buscando o bem viver, e não simplesmente um rendimento no que diz respeito ao movimento técnico. Este sim é conteúdo do jogo -competição, que poderá estar presente na formação da criança, mas no momento adequado e com orientação de profissionais competente. É mesmo possível admitir, ainda que hipoteticamente, a existência de diferenças no interior do movimento e do nível de sua motivação. É o caso, de diferenciarmos movimentos afetivos de movimentos técnicos- esportivos.

Avançando neste trabalho, importa salientar, mais uma vez, a necessidade de pesquisas, de publicações e sobretudo, de estudos relativos ao tema proposto. Esta afirmação se torna mais evidente, segundo Huizinga (1980) a partir do número crescentes de criança praticantes do esporte, nas diferentes modalidades.

O próprio crescimento populacional e, ainda, o desenvolvimento da indústria esportiva acompanhada do agudo desenvolvimento dos meios de comunicação são fatores que influenciam diretamente neste processo, atuando nitidamente como ingredientes de tensões na educação de crianças e jovens. Por isso mesmo, esta temática não pode ser tratada empiricamente.

Do ponto de vista geral, é muito bom que este crescimento ocorra. Quanto mais crianças nas quadras, pistas, campos, piscinas, etc ... maiores alternativas educacionais tornam-se possíveis, privilegiando um momento para a formação do cidadão. Com relação à proposta de trabalho, pode acontecer o equívoco, a iniciação deve priorizar o jogo e não substituí-lo pela prática competitiva. Este é um outro momento do aprendizado e da vida de uma pessoa. Esta opção é importante, devendo, não obstante ser formulada em tempo.

A partir do momento em que se dá a especialização em uma modalidade esportiva, ocorre em paralelo a competição. Esta fase, provável no esporte, e na própria sociedade contemporânea, deve ser precedida de dois momentos educativos, no entender de Rosadas, já em seu trabalho de 1985.

O primeiro momento do aprendizado deve ocorrer, tendo como objetivo o desenvolvimento motor da criança, preparando-a para a atividade seguinte, proporcionando-

lhe nesta fase embasamento e maturidade motora, fundamentais para formação do educando. Neste primeiro momento, a atividade deverá ser oferecida de forma lúdica, dando ao educando a possibilidade de conhecer seu corpo, seus movimentos e ainda noções de espaço.

O segundo momento poderá ter como um dos objetivos conhecer as modalidades esportivas (LICKONA, 2008). Nesta fase, o educando deverá ter a iniciação com várias modalidades, individuais e coletivas, conhecendo através do jogo os diferentes elementos que compõem cada modalidade.

O estágio final do aprendizado permitirá, então, a iniciação específica com uma modalidade. A partir desta fase, a competição poderá estar presente; mesmo assim, com adaptações compatíveis com as opções do ser humano em questão. Estas adaptações devem acontecer privilegiando diferentes níveis de atuação na criança durante o jogo. A organização deve ser voltada para a necessidade do educando. Neste caso, as regras podem ser modificadas, respeitando as características da faixa etária. A aplicação dessas regras deve priorizar o momento educativo da criança.

Até mesmo no nível técnico e tático, as adaptações devem ocorrer e, através de estudos com técnicos e dirigentes, desenvolver uma nova proposta nesta direção. Em suma, uma das hipóteses do nosso trabalho é que a Competição Escolar é deseducativa. Para nós, a competição escolar precoce deixa de ter valor educacional a partir do momento em que deixa de ser simplesmente jogo e passa a ser competição. Disputar um campeonato e tentar ser campeão, portanto mostra que prevalece a disputa e não a participação evidenciando assim um objetivo maior, que não é o educacional.

Entendemos, baseados em LIMA (1991) que esta proposta não tem valor educacional, pois estes eventos têm uma participação reduzida de crianças, em função da elitização pela competição, ainda num primeiro estágio de aprendizagem.

Esta falta de respeito pelas fases que compõem a aprendizagem, também evidencia outro fator educativo: existe uma cobrança prematura inserida no objetivo proposto pela prática da modalidade.

Outro fator, que apontamos como deseducativo, é a falta de base dessas crianças, ainda em formação, para suportar as tensões geradas pela incerteza do jogo enquanto competição. Ainda, para CALLOIS (1993), não pode ser educativa uma prática onde somente os vitoriosos serão exaltados, pois na competição é dado valor somente aos vitoriosos, portanto à minoria.

Concluindo, a competição escolar precoce é deseducativa, porque não permite espaço para o jogo e sim a prática da atividade física, limitando movimentos e espaços, inibindo a

criatividade pela busca do resultado. Sendo assim, entendemos que a competição escolar não tem existência, tendo em vista os objetivos pelos quais ela se produz.

Outro problema, por nós apresentados, é a motivação, que está diretamente ligado ao anterior. Com o passar dos anos, poderá causar uma desmotivação para a prática (GUAY, 2007). Além disso, o valor dado pela prática competitiva às vitórias é inversamente proporcional ao valor dado para as derrotas, sendo assim, a derrota também poderá atuar como fator de desmotivação para a prática. Como resultante deste processo, ocorre a parada prematura de um atleta que, circunstancialmente, poderia ser um atleta de alto nível.

Por último, apontamos o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce. A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Este procedimento, segundo Fiorese, 1989, poderá ter consequências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce.

O jogo e a competição antecederam até mesmo o próprio homem. É muito importante diferenciar estas atividades: cada uma delas tem sua história. As duas poderão atuar no processo formativo de um ser, desde que aplicadas no momento adequado e por profissionais competentes, respeitando acima de tudo a criança e sua individualidade. O jogo e a competição são elementos do esporte que, por sua vez, é conteúdo da Educação Física. Sendo assim, permitimo-nos reforçar, de forma conclusiva, uma verdade comumente repetida e geralmente esquecida: toda iniciação esportiva deve priorizar a educação e, posteriormente a formação de atletas (BRUHNS, 1996).

Acreditamos que as atividades esportivas desenvolvidas nas escolas possam vir a se integrar no esforço educativo e social que visem preparar o aluno para a sua integração plena na sociedade em que está inserida. Desta forma teremos a prática esportiva, com suas competições escolares, como uma estratégia formativa, adequada aos objetivos sociais e culturais voltados à valorização humana.

Esporte, escola e sociedade: coerências?

A personalidade de nossos alunos será estimulada pela atividade esportiva e pela competição escolar se os programas propostos enriquecerem a experiência vivida, além de estimular a observação e reflexão sobre eles próprios e aqueles que os rodeiam. Computamos como muito importante o fato de nossos alunos, quando envolvidos com o processo

competitivo esportivo escolar, refletirem sobre as dificuldades, assumirem posições, executarem tarefas e controlarem ações relativas ao ato competitivo.

Entendemos que a formação esportiva, dentro da escola, seja aquela que prime pela formação global, trilhando com equilíbrio as etapas de iniciação, orientação e especialização, numa perspectiva de participação crítica, em qualquer das manifestações da prática dos esportes escolares.

Não discutimos contrário à competição esportiva escolar, em absoluto. Apenas questionamos os aspectos apresentados, em nossas aulas, de primeiro à segundo graus, quando o tema central é a competição. A cópia fiel do padrão esportivo adulto será a meta que buscamos atingir com nossos alunos?

Para um professor responsável pela orientação e direção de seus alunos e equipes escolares, o domínio dos conhecimentos sobre modalidade e metodologias, sobre comunicação, motivação, observação e outras áreas, constitui uma necessidade visto que sem esses conhecimentos o seu saber não é operacionalizável. Isto significa que não produzirá transformação nem efeitos relacionados com os objetivos da preparação dos atletas (CRATTY, 1998).

Sabemos que é próprio da natureza do humano procurar a explicação das coisas que rodeiam o homem, que nos acontecem seja como elemento da sociedade. Sabemos, ainda, que o homem sente necessidade de organizar os saberes e os conhecimentos acumulados e que tende a agrupá-los de uma maneira racional de modo a poder utilizá-los com eficiência nas suas tarefas profissionais e sociais (SEGRE, 2008). Se, e somente se isto for verdade, como a Educação Física Escolar consegue ultrapassar tanto conhecimento acumulado e assumir uma vertente tão vulnerável como a competição esportiva escolar, da maneira como se nos apresenta?

Não concordamos com o estímulo e apoio oferecidos, de todas as formas, para a participação de alunos em competições esportivas escolares onde paira a mais forte seletividade. Aceitamos que o esporte, principalmente na roupagem escolar, busque um entendimento do contexto social, histórico, cultural e político da sociedade que o suporta e que determina seus fins; desta maneira, o ambiente escolar prima pela atitude educacional, com objetivos educativos e formativos que dignificam o homem.

Em nível de sugestão, estamos cientes de que a competição esportiva escolar deva ser uma outra, de outra forma e com outras conotações. Talvez buscando uma integração social e não a exclusão do derrotado. Quem sabe, numa forma onde o confronto com as demais

peças não tenha um gosto de humilhação para os que chegarem nos segundos, terceiros e últimos lugares, embora esteja, ainda, revestida pelas referências sociais concretas que motivam as atividades esportivas.

Apoiamos, sobretudo, as atividades físicas e as competições esportivas, mesmo na escola, desde que seus fins contribuam para a estruturação da personalidade de nossos alunos, estimulando-os para seu pleno desenvolvimento (LICKONA, 2008). Então, é necessário que professores, monitores e demais profissionais da área atentem para o significado educativo adequado aos objetivos sociais e educacionais que permeiam pela atividades trabalhadas.

Refletir sobre as dificuldades a serem encontradas em competições, tomar consciência das características destes acontecimentos e assumir decisões que levem a uma superação lógica, limpa e adequada podem ser caminhos preparados por aqueles que convivem, concordam e trabalham com a competição, no nível esportivo escolar (MEYNAUD, 2008). Será um processo equilibrado, desafiador e motivante, que permitirá a participação crítica dos envolvidos com a prática esportiva competitiva.

Tais sugestões não buscam solucionar em definitivo o problema da competição esportiva, dentro do ambiente escolar. Apenas procura evidenciar que, por se tratar de um lugar que deva focar os princípios educacionais de maneira incisiva, a estratégia que vem sendo adotada não nos pareceu ser a mais adequada e conveniente. Precisamos partir para um projeto de Competição Esportiva Escolar Educativa.

Entendemos, e por isto sugerimos mudanças, que uma prática que apenas seja adotada por profissionais da Educação Física Escolar, em função de uma minoria privilegiada, quer seja pela prática educativa incorreta ou pela habilidade pouco desenvolvida de alguns ou, ainda, por questões outras que nos dificultam imaginar, nada tem de educacional.

Pelo significado à abrangência que tal fato pode envolver, não podemos deixar de condenar as atitudes conservadoras interessadas na competição esportiva, dentro das escolas, como estão ocorrendo (WENNER, 2008). Entender o esporte, o jogo, o lazer e a competição esportiva como fatores psico-pedagógicos e culturais é o mínimo que se pode pretender daqueles que se dizem preocupados com a evolução dos homens, em busca de suas próprias felicidades.

E bem sabemos que esta felicidade não está nas lutas corporais, nos confrontos desleais, nas trapaceiras atléticas ou nos gritos exaltados de torcidas, pais e professores. Está, entretanto, no crescimento interior que se adquire ao entender o significado de uma superação

física, social ou psicológica. Ou está na vitória conquistada com lealdade e compreensão das diferenças existentes entre as equipes adversárias.

O processo será mais lento, porém, o objetivo será atingido.

A diferença entre o que acontece com a Educação Física Escolar e a valorização excessiva de algumas de suas práticas em outros ambientes de nossa sociedade, talvez, ainda seja motivo para muita discussão, apesar de já haver saturado as abordagens que, segundo Gould (1997), em sua grande monta, não conseguiram total aplicabilidade: o problema não está na mudança de nomes de concepções, mas na formação do profissional que não decifra questões ligadas à teoria- prática.

A variedade de estratégias adotadas pela Educação Física e a complexidade do processo em que elas acontecem cobram do professor uma competência, para que possa perceber as relações que se estabelecem no decorrer e em função da aula dada. Acreditamos que este fato seja fruto da própria história da Educação Física Brasileira e da legislação de ensino que nos norteia, além da interpretação sofrida pela literatura estrangeira e nacional (s.m.j.) existente.

Notamos que, em muitos casos, a falta de competência técnica e o mau uso do planejamento de ensino, bem como a pouca conscientização do profissional sejam a tônica para a distorcida visão da Educação Física no processo educacional e na sociedade (LICKONA, 2008).

Tendo em vista o grupo social apresentado e as atividades que são vividas pelos integrantes de cada região, verificamos que a Educação Física Escolar, em sua feição competitiva, atingia suas funções, como uma das atividades propostas no currículo obrigatório das escolas de ensino fundamental e médio, reproduzindo o esquema vigente na sociedade, apenas que com discurso didático, pedagógico, humanista, sócio- psicologizado fraco e incoerente.

Qual o real significado da Educação Física competitiva, na comunidade escolar? Qual o grau de interferência no desenvolvimento do aluno esta prática pode acarretar? Como agem e o que pensam os profissionais envolvidos com a questão? Partindo-se da hipótese de que, por ser um dos componentes curriculares das escolas brasileiras, deva primar pela potencialidade pedagógica- educacional, será essa a constatação atingida? Onde entram os componentes psicológicos e sociais largamente debatidos em nossas academias?

Transformações, mudanças e adequações sociais

Transformar a Educação Física em um dos instrumentos de mudança e bem-estar social exige, além de outras coisas, a reorganização desta disciplina e a redefinição de seus conteúdos e metodologias. Numa sociedade urbana como a nossa, a almejada democratização social passa necessariamente pela instrumentalização, que cabe à escola fornecer, e a própria comunidade subsidiar.

Tal instrumentalização, viabilizada pela assimilação de movimentos novos e de conhecimentos básicos, é algo que deve permitir aos cidadãos conhecer seus direitos e deveres, ter bem presentes e bem claros seus interesses, de modo a serem capazes de organizar-se para mantê-los e defendê-los, objetivando acima de tudo ter acesso às decisões que os afetam individual e coletivamente.

Os fatos demonstram, não obstante, que nossa escola vem transmitindo, ao longo do tempo, informações alijadas da realidade e distantes da prática social dos alunos, sobretudo dos que pertencem às camadas populares, dificultando ou mesmo impedindo a assimilação do que é ensinado, ou ainda ensinando o desnecessário e vivenciando o utópico.

Como elemento social ela deve cumprir as funções de transmitir conhecimentos, de socializar as conquistas culturais, de divulgar e debater novos valores e crenças, processos esses que mediatizam a intervenção na realidade social, bem como propor manutenção e/ou melhora de saúde e conhecimento da prática motora.

O professor, profissional do ensino, tem um papel relevante – como mediador – na apropriação do saber pelos alunos das variadas camadas populacionais. Para desempenhar bem esse papel, ele precisa compreender os vínculos de sua prática com a prática social global. Necessita, igualmente dominar os conhecimentos específicos a transmitir, de forma a referi-lo ao contexto global, sempre, problematizando-os com os alunos, só assim os conhecimentos assimilados serão instrumentos para os alunos alterarem sua prática social, ininterruptamente.

Em sua passagem pela escola, na condição de aluno, a maior parte dos professores de Educação Física incorporou à sua vivência certa apatia intelectual, uma imagem do professor autoritário, ou ainda, indiferente e omissor, além da noção de que a avaliação do aluno se dá pela devolução, pura e simples, de conteúdos memorizados ou de perfeita execução técnica.

Voltando como docente, notamos que o trabalho ainda não está organizado de forma a desenvolver, nos alunos, condições para serem futuros professores: organização para estudo,

independência, criatividade, espírito crítico, consciência política de seu papel como cidadãos na construção da história (NAHAS, s.d.). Ainda, não lhes tem transmitindo conhecimentos mais aprofundados e adequados que possam servir-lhes de referenciais para ensinar. Notemos: um não deu e ou não procurou ...

De posse de uma formação distorcida, fragmentada, superficial e com uma visão idealizada do aluno, o professor de Educação Física enfrenta precariamente o desafio de obter sucesso no trabalho docente com uma maioria de crianças que não corresponde à “idéia do aluno”, que por tanto tempo lhe foi inculcada. Dentro desse quadro, ele precisa lutar diariamente contra aquilo que percebe como “incapacidade” de alunos “maldotados” que a escola recebe. Frequentemente, ele não tem consciência nítida de seu despreparo para exercer uma atuação em relação a esses alunos que são diferentes do que idealizam. E assim, segundo Seurin (1983) tende a reproduzir as deficiências de sua própria formação.

Em um nível de exercício da profissão, devemos reconhecer que nossas escolas de ensino fundamental e médio não têm, ainda, oferecido totais condições adequadas para o aperfeiçoamento do profissional do ensino, capazes de levá-lo à reconstrução crítica de sua prática docente.

A própria organização do trabalho interno da escola não viabiliza momentos de encontro entre docentes que possibilitariam uma revisão crítica de sua prática, com a finalidade de reconstruí-la, de localizar os aspectos em que sintam necessidade de atualizar-se e, juntos, buscarem conhecimentos e assessoria específica dos níveis superiores, com visitas a construir-se um saber pedagógico autêntico, que responda aos desafios que a sociedade hoje lança à escola que aí está, uma vez que os encontros propostos apenas servem para pincelar o real e não para estudá-lo e alterá-lo.

A organização escolar e educacional vem de períodos tumultuados e de inovismos tecnológicos que não atingem o dorso central do problema, que é a definição de sua conduta (LIMA, 1988). Com isso formam-se muitos para pouco; a sociedade não consegue absorver tantos elementos diplomados com tão pouco conhecimento, e isto reflete, de imediato, em nossas escolas de primeiro e segundo graus.

Então, em consequência do processo escolar que é oferecido, as crianças saem precocemente da escola etiquetadas, estigmatizadas como incapazes, carentes e, por isso mesmo, destinadas a uma situação inferior, em termos sociais. E infelizmente, a Educação Física competitiva tem muita colaboração nisto, de acordo com a forma como foi trabalhada.

Uma vez admitida que a prioridade do professor hoje, no sistema escolar, é ensinar a estas camadas os conteúdos e habilidades escolares que levam ao domínio da cultura que tem valor socialmente, cabe em seguida um grande esforço em nível pedagógico de (re)habilitar-se profissionalmente de forma a cumprir competentemente o seu papel técnico- político.

E, duas preocupações parecem-nos fundamentais neste sentido, em nossa área de atuação: 1- o domínio seguro dos conteúdos e técnicas pedagógicas e de movimentos que deverão transmitir a seus alunos e, 2- com base em uma crítica profunda das didáticas e metodologias que normalmente fazem parte pedagógica que vêm desenvolvendo, assim como das teorias que as embasaram, tentar reconstruir o fundamento técnico- pedagógico da prática do conhecimento, manifestação e controle corporal, valorizando as formas básicas de jogos e orientando as competições para algo a mais que o ganhar ou perder.

Somente assim, acreditamos, será possível perceber e ressaltar que existem diferenças entre o jogo e a competição. O jogo pode e deve estar presente na fase de iniciação, enquanto que a competição se torna um mal nesta fase, e seguramente causará problemas na formação da criança. Tanto na sua formação pessoal, como ser humano, pode ser deseducativo, como também na sua formação atlética; pois a competição escolar também não tem valor comprovado na formação de atletas de alto nível.

Aspectos psico-pedagógicos da Educação Física

Analisando do ponto de vista da intervenção docente, diante de seu aluno, o professor disporá de um conjunto de técnicas e procedimentos que conduza sua prática pedagógica adequada ao grupo que lidera, levando-os ao desenvolvimento de uma vida saudável, autônoma e crítica. E, dessa maneira, vale dizer que o equilíbrio emocional permeará todo esse entorno, com momentos bastante tranquilos e outros mais excitados, que conduzirão esses profissionais a conhecer mais a Psicologia da Atividade Física.

Com esse propósito, em nossos estudos, listamos algumas das variáveis que mais incidem sobre nossos alunos, criando um ambiente facilitador ou controlador ou emancipador, dependendo do modo como desempenharmos nossas lideranças diante da condução dos seus estados emocionais.

De posse destes conhecimentos, como proceder? Qual o trabalho mais adequado? Qual caminho seguir? Somos cientes de que o ambiente escolar ainda se modela pelo mundo da sociedade do espetáculo, que garante o entorno da vida escolar. Desta maneira, continuamos a

ter a escola repetindo e modelando seus ídolos e valores sociais, o que garante a permanência da competição esportiva escolar, apesar de todos os avanços dados pela Educação Física.

A utilização da competição como uma forma procedimental de conduzir as aulas, não garante que seja validado todo e qualquer sistema introdutório desta maneira de ocultar as pluralidades escolares. Enquanto vemos nos jogos o encaminhamento para uma sociedade mais justa e humana, entendemos que o esporte se faz cada vez mais presente por garantir a animosidade social e a disputa por novas superações. E isso convém ao sistema escolar, pensando num movimento educacional que estimula a competição humana.

Omitir a competição numa sociedade que a mantém em sua natureza é criar um quadro artificial que levará a aquisição forçada de situações abstratas, servindo mesmo para provocar ou acentuar desajustamentos, marginalização e conflitos diante da realidade social em que vivem, de fato.

Porque remover a competição de uma atividade que a exige quando, ou na escola, ou na rua e até mesmo na própria família, ela impregna todo o comportamento social dos adultos? Será possível imunizar as crianças de um mal que elas já dominam?

A formação da personalidade da criança deverá exigir uma atenção especial nas faixas etárias dos 8 aos 12 anos, porque neste período elas estão vinculadas a uma atividade central de sua existência, que é a escola, tida como uma atividade dominante e que imprimirá uma influência decisiva, estruturadora de comportamentos sociais gerais.

A criança passa a sentir que o cumprimento das tarefas coletivas não é uma obrigação, mas sim que isso corresponde à satisfação de sua própria necessidade de integração no grupo no qual tem um lugar determinado e em que se afirma individualmente com todas as suas capacidades. A vinculação da criança à sua equipe e à estrutura global de formação esportiva exige tempo e depende da realização de competições.

É de conhecimento dos profissionais da Educação Física que a integração numa equipe, a aquisição do saber fazer, a elaboração da atitude do saber estar e as interações intergrupais favorecem a formação da personalidade da criança quando existe uma vinculação profunda e séria entre os comportamentos do grupo; deste modo somos do ponto de vista que, dependendo da orientação dada, a competição é um mero recurso didático que se usa para atingir um determinado fim, no programa escolar. O professor saberá como dosar o conteúdo, uma vez que apenas ele poderá responder sobre seu vínculo com o processo educativo que dirige e com as crianças que educa.

Debater a competição, por si só, não é o suficiente. Não temos como condenar a competição sem antes analisar criticamente as atividades físicas que se ensinam nas escolas. Temos que discutir a competição esportiva escolar condenável, incorreta, em termos do processo educativo.

A análise destas questões obriga-nos a ter em conta o quadro social em que, quer a nossa escola, quer o nosso esporte se encontram inseridas, afirma Segrè (2007). Manter a escola separada dos fatos sociais e pretender que a formação ali proporcionada às crianças constitua uma preparação para a vida, quando nada da realidade social “entra na escola” é uma forma de impedir o progresso social e a valorização humana.

Outra questão que nos preocupa é o tipo de educação esportiva que recebeu o profissional que hoje introduz a competição esportiva no ambiente escolar (GUAY, 2007). Qual será a sua concepção de esporte? E de competição? Fica difícil percebermos mudanças ou progressos com um corpo docente que se mantém como sempre e que procura a sua própria transformação.

Perguntaríamos sobre o tipo de esporte que deveríamos levar para dentro dos muros escolares. Será aquele que a TV coloca em nossos lares? Ou aquele que vende as folhas de nossos jornais? Ou o que promove a venda de nossos astros por fortunas estrondosas?

Acreditamos que deva ser um outro tipo de esporte, mais educativo e mais formativo. No mínimo tem que fortalecer nossos jovens para que não fujam de nossas quadras e das atividades físicas tão precocemente, e que colabore com a formação da personalidade daqueles que o pratiquem. Acreditamos que será uma prática plena de coerência com os interesses e necessidades de seus praticantes, que busque o desenvolvimento global e ofereça um dimensionamento social a todos que dela tomam parte.

O jogo não é educativo nem formativo pela circunstância de ter regras e de impor uma distância de atuação ... quem joga pode agir como quiser e pode mesmo fazer trapaças. O jogo é educativo e formativo não pela atividade em si (MEYNAUD, 2008), visto que está desintegrado da realidade, dos fatos sociais, mas sim porque essa atividade permite a quem joga fazer uma demonstração concreta de uma nova possibilidade, de uma aptidão correspondente ao estágio de desenvolvimento atingido e provar, na presença de testemunhas, a conquista de um novo nível de capacidade. Sempre tendo em mira as suas referências sociais.

A função maior do jogo infantil (função biológica e social) é que as atividades nela compreendidas exigem esforços, energias e aplicações que excedem, no mais das vezes, os

limites correspondentes às tarefas habituais das crianças. Esta é, em nossa opinião, a caracterização que melhor explica os riscos e as dificuldades que a criança põe a si própria para ganhar uma aproximação com a realidade do adulto.

As crianças procuram sempre reproduzir jogos de adultos, com suas regras e táticas, de forma a informalizarem um “mini-esporte”, portanto, evitar o jogo padronizado do adulto, sem nem uma palavra ou sugestão, não corrige os erros encontrados nos jogos dos mais velhos, causando efeitos opostos ao que se pretende, uma vez que se estará impedindo a criança de explorar até onde vai seu limite, na modalidade.

Neste caso, estamos diante de uma visualização da pedagogia teórica, que discute e sugere valores sociais para o grupo de educandos, mas que trabalha com uma realidade diferente daquela encontrada na sociedade da qual fazem parte.

Quando se reforça o valor educativo e formativo do jogo, da atividade competitiva e se preconiza o jogo como um meio fundamental para ao trabalho educativo, de que jogo se está pensando? Naquele em que a criança aprende através da transmissão cultural do grupo com quem vive ou no jogo que os adultos artificializaram para realizar a sua ação educativa? Claro que é no primeiro, não? Mas o que diz a formação deste educador? Como ele foi formado? Como ele foi excitado a formar seus alunos?

Reflexões finais

Pelo fato de não encontrarmos, no Brasil, cursos específicos de Psicologia do Esporte, senão em programas de mestrados/ doutorados, as várias metodologias e (*des*)caminhos das várias profissões estão interferindo na formação dos profissionais, de uma forma ou de outra. Isso, ao mesmo tempo que é entendido como vantagem, do ponto de vista interdisciplinar, oferece barreiras a partir do momento em que não se tem claro a estruturação desta área de concentração, conforme discutido anteriormente.

O que se configura como estrutura da área ainda apresenta um grande ranço de reserva de mercado, como se pensássemos em nos apoderarmos de um pedaço do saber e destinássemos a apenas alguns profissionais aquele saber. E, felizmente, o saber não tem dono. Tudo podemos saber, tudo podemos pesquisar e em tudo podemos intervir, sim. Inclusive porque intervir significa interceder, ter uma ação direta sobre algo ou alguém, interferir, e não é possível que aos profissionais da Educação Física não caiba a possibilidade de aplicar seus conhecimentos, intervindo com adequação e limite nos desenvolvimentos psico-pedagógicos de seus alunos ou atletas.

Pela sua pequena história, acredita-se que a Psicologia do Esporte está principiando um caminho promissor, no aguardo do reconhecimento que merece, tendo em vista a dialética trajetória assumida, de questionamentos geradores de respostas que precipitam novas questões. Os esforços e a seriedade a que se prendem quem assume a área serão responsáveis pela sua divulgação e crescimento, independentemente da formação inicial do pesquisador e da área de atuação a que se atém, transitando livremente pelo esporte escolar, passando pelas atividades livres e esporádicas da recreação e do lazer, até atingir o esporte competitivo, de resultados olímpicos.

Inquietar-nos com a intervenção ou com a formação é uma etapa que precisamos superar; nossa inquietação deve se projetar para algo maior: por um código de ética, onde os profissionais que buscarem abraçar a Psicologia do Esporte estejam aptos ao bom trabalho, amadurecidos e sábios o suficiente para garantir uma boa atuação, quer seja docente, ou científica, ou psicodiagnosticando, otimizando ou aconselhando. A área de atuação será tão forte quanto seus membros atuantes.

Como o gabinete de trabalho (ou clínica) do psicólogo do esporte deve vir a ser as quadras, os salões de danças, as piscinas, os campos de futebol, ou seja, o próprio contexto onde se desenvolve a atividade física, as intervenções serão tanto mais adequadas quanto se aproximarem de seus contextos...logo, distante das atitudes clínicas e convencionais da Psicologia, apregooou Garry Martin, psicólogo do esporte de equipes olímpicas canadenses, em seu mini-curso, em Campinas, no Encontro de Medicina do Comportamento Humano.

Intervir, muito mais do que uma ação profissional, é um ato de consciência, numa dupla configuração: a do que exerce a ação e a do que sofre esta interferência. Isso apenas garante a relação interpessoal, sem dar garantias de bons procedimentos, o que nos remete ao conhecimento ético e moral, assunto central de nosso trabalho. Intervir é atuar com critério ético, através de procedimentos profissionais, num determinado contexto (LICKONA, 2008 e WENNER, 2008). Tal identificação está a premiar todos os profissionais graduados em áreas afins à Psicologia e ao Esporte; a seletividade está na ética e na moral da conduta profissional.

Do ponto de vista de um profissional da Educação Física, a situação brasileira do psicólogo do esporte é muito diferente daquela vivida pelo norte-americano, europeu ou asiático, por conta de sua própria formação básica. Enquanto os eixos centrais de conhecimentos permanecerem excluindo seus complementares, no Brasil, as dificuldades tendem a persistir: educadores físicos que fogem de aulas de Psicologia e psicólogos que fogem de aulas de Educação Física.

Parece simplória tal citação, mas atende aos objetivos e propósitos da atuação do profissional. Segundo Singer (1997), como pode estar preparado para trabalhar na interface o profissional que na sua graduação não se motivou para conhecer a outra área? É possível entender aquilo a que não se conheceu? Como lidar com estas questões iniciais?

Outra questão que passa pela formação universitária nacional é o grau de aplicabilidade dos conhecimentos veiculados: o volume de teorias ensinadas e a pequena relação estabelecida entre teoria-prática resultam num descrédito daquilo que é ensinado. Para Guay (2007), não concretiza o saber, o que pode vir a ser a gênese da ignorância da área de interface. O afastamento do “saber” e do “saber para quê” faz diferença no desenvolvimento de comportamentos interdisciplinares, como o que aqui sugerimos.

Acreditamos que a existência de um banco de dados comuns, onde se reunissem pesquisas, projetos e estudos interdisciplinares, seria de grande utilidade e progresso para a área, visto que possibilitaria a manutenção de discussões sobre teorias e práticas atuais, a discussão de elementos clássicos das áreas envolvidas e incrementaria a busca por novos procedimentos. Pensando na Psicologia do Esporte, para que ela cresça entre as Ciências do Esporte, será necessário que intensifiquemos a busca pelo saber, com procedimentos éticos adequados. Independentemente de nossas formações.

Apenas que, para tal situação tomar corpo e estabelecer-se enquanto campo de atuação e possível ciência, é necessário que a Psicologia do Esporte entre nas escolas, como conteúdo, como procedimento, como indagação. Somente desta forma entendemos a possibilidade de gestarmos praticantes esportivos com uma qualidade de vida saudável, equilibrados e adequados aos seus tempos e modalidades. Isto reforça constatações anteriores, com relação a esta relação: é nas escolas que nascem os atletas do futuro.

Porem, mais do que isto, nossos olhares se voltam para a formação de educadores: como eles têm sido formados? Qual Pedagogia se tem ensinado? Qual Psicologia se tem apresentado? Acreditamos, seriamente, que a formação do docente de Educação Física deva passar por uma reciclagem e buscar melhor servi-los naquilo que lhes é pertinente; significa que é necessário que a Pedagogia e a Psicologia estejam presentes com os olhos e intervenções postas na prática da atividade física e não em questões laboratoriais e distantes do Universo para o qual estão sendo chamadas, como interface. Entendemos que este grave assunto deva merecer muitas discussões e debates e que as lutas classistas devam ser melhor orientadas para sanar e completar a formação deste profissional que não cuida do corpo nem da mente, mas cuida do Homem.

Referências bibliográficas

- BAYONA, B. *El deporte hacia el siglo XXI: movimiento y curriculum*. Madrid: Morata, 2007.
- BRUHMS, H.T. *O corpo parceiro e o corpo adversário*. Campinas: Papirus, 1996.
- CAILLOIS, R. *Les jeux et les hommes*. Paris: Folio Essais, 1993.
- CRATTY, B.J. *Psychologie et Activité Physique*. Paris: Seuil Edit., 1998.
- FIGLIARESI, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes, in: *Revista da Fundação de Esportes e Turismo*, 1 (2): 23-31, 1989.
- GARCÍA FERRANDO, M. *Aspectos sociales del deporte*. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- GOULD, D. Psychosocial Development and children's sport, in: *Rev. Quart.*, 43, 425-539, 1997.
- GUAY, H. *La Culture Sportive*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectivas, 1980.
- LICKONA, T. *The return of character education*. Chicago: Rand-McNally, 2008.
- LIMA, T. *O Desporto está em suas mãos*. Lisboa: Horizontes, 1988.
- _____. *Competição para jovens*. Lisboa: Horizontes, 1991.
- MACHADO, A.A. *A formação e atuação em psicologia do esporte no Brasil*. Rio Claro: UNESP (trienal) 2003.
- MEYNAUD, J. *Sport et Politique*. Paris: Calmann-Lévy, 2008.
- NAHAS, M.V. A competição e a criança, in: *Comunidade Esportiva*, 19, 16-20, s.d.
- ROSADAS, R.B. Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce, in: **SPRINT**, 3 (2) 56: 64, 1985.
- SEGRE, M. **Les enfants et les adolescents face au temps libre**. Paris: Les editions ESF, 2008.
- SEURIN, P.A. Manipulação da criança para o sucesso esportivo, in: **Boletim FIEP**, 53 (02/03): 15-17, 1983.
- SINGER, R. **Psicologia do Esporte**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- WENNER, L.A. **Media, sport and society**. Isleworth: BASS, 2008.